

Pesquisa (auto)biográfica em educação musical: o tom metodológico dos podcasts biográficos

Ana Ester Correia Madeira

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
<https://orcid.org/0000-0001-6272-6155>
anaestercm@gmail.com

Teresa Mateiro

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
<https://orcid.org/0000-0002-3527-8366>
teresa.mateiro@udesc.br

MADEIRA, Ana Ester Correia; MATEIRO, Teresa. Pesquisa (auto)biográfica em educação musical: o tom metodológico dos podcasts biográficos. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 1, e32111, 2024.





Pesquisa (auto)biográfica em educação musical: o tom metodológico dos podcasts biográficos

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar e discutir como as narrativas digitais e o podcast biográfico foram utilizados em uma pesquisa mais ampla, que teve como objetivo compreender como se construíram os processos formativos de três professoras e três professores de música que trabalham na Educação Infantil, por meio de suas narrativas de experiências vividas. Para exemplificar, escolhemos partes dos podcasts gravados com a professora Thaynah Pinheiro e com o professor Sinval Junior para trazer à tona temáticas como: a presença docente, o ensino de música e o planejamento no contexto da Educação Infantil. As narrativas de experiência das professoras e dos professores foram registradas no formato de podcasts biográficos, termo elaborado a partir de dois pilares teóricos: o da comunicação e o da pesquisa biográfica. Abordamos o paradigma narrativo-autobiográfico como método, as narrativas digitais de experiências vividas como técnica e a compreensão cênica para fins de análise. Descrevemos o termo “podcast biográfico”, explicando como as ferramentas tecnológicas foram utilizadas nesta investigação. A partir do modelo da compreensão cênica, apresentamos e discutimos as temáticas destacando a importância do ensino de música para crianças pequenas. Compreendemos que a ferramenta metodológica do podcast biográfico promove ampla divulgação das narrativas e proporciona caminhos formativos não só no espaço acadêmico, mas principalmente nas escolas, destacando a potência de compartilhar experiências como uma maneira de (trans)formar-se e de legitimar o ensino de música na escola pública. Os conhecimentos compartilhados tornam-se, então, subsídios de aprendizagens para futuras professoras e futuros professores de música na Educação Básica.

Palavras-chave: formação docente; educação infantil; escola pública; processos formativos; pesquisa (auto)biográfica.

(Auto)biographical research in music education: the methodological tone of biographical podcasts

Abstract: The aim of this article is to present and discuss how digital narratives and the biographical podcast were used in a broader research project, which aimed to understand how the formative processes of six music teachers (three women and three men) working in Early Childhood Education were constructed through their narratives of lived experiences. To illustrate this, we chose parts of the podcasts recorded with teacher Thaynah Pinheiro and teacher Sinval Junior to highlight themes such as: teacher presence, music teaching and class planning in the context of Early Childhood Education. The teachers' experience narratives were recorded in the format of biographical podcasts, a term based on two theoretical pillars: communication and biographical research. We approached the narrative-autobiographical paradigm as a method, digital narratives of lived experiences as a technique and scenic understanding for the purposes of analysis. We describe the term explaining how the technological tools were applied in this research. Using the model of scenic understanding, we present and discuss the themes, highlighting the importance of teaching music to little children. We understand that disseminating these narratives through the biographical podcast tool can promote a wide dissemination of narratives and provide formative paths not only in the academic space, but especially in schools, highlighting the power of sharing experiences as a way of (trans)forming and legitimising music teaching in public school. Then, the knowledge shared becomes learning aids for future music teachers in basic education.

Keywords: teacher training; early childhood education; public schools; training processes; (auto)biographical research.

Investigación (auto)biográfica en educación musical: el tono metodológico de los podcasts biográficos

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar y discutir cómo se utilizaron las narrativas digitales y el *podcast* biográfico en un proyecto de investigación más amplio, que pretendía comprender cómo se construyeron los procesos formativos de seis profesores de música (tres mujeres y tres hombres) que trabajan en Educación Infantil a través de sus narrativas de experiencias vividas. Para ilustrar, elegimos partes de los *podcasts* grabados con la profesora Thaynah Pinheiro y el profesor Sinval Junior para destacar temas como: la presencia del profesor, la enseñanza de la música y la planificación en Educación Infantil. Las narraciones de las experiencias de los profesores se grabaron en formato de





podcasts biográficos, término basado en dos pilares teóricos: comunicación y investigación biográfica. Abordamos el paradigma narrativo-autobiográfico como método, las narrativas digitales de experiencias vividas como técnica y la comprensión escénica el análisis. Describimos el término “*podcast* biográfico”, explicando cómo se aplicaron las herramientas tecnológicas en esta investigación. Con el modelo de comprensión escénica, presentamos y discutimos los temas, destacando la importancia de la enseñanza de la música para niños pequeños. Entendemos que el *podcast* biográfico como herramienta metodológica promueve la amplia difusión de las narrativas y proporciona vías formativas no sólo en el espacio académico, sino especialmente en las escuelas, destacando el poder de compartir experiencias para (trans)formar y legitimar la enseñanza de la música en las escuelas públicas. Los conocimientos compartidos se convierten así en ayudas para el aprendizaje de los futuros profesores de música en la enseñanza básica.

Palabras clave: formación del profesorado; educación infantil; escuelas públicas; procesos de formación; investigación (auto)biográfica.

Para dar o tom

O propósito deste artigo é apresentar e discutir como as narrativas digitais e o *podcast* biográfico foram utilizados em uma pesquisa mais ampla, que teve como objetivo compreender como se construíram os processos formativos de três professoras e de três professores de música que trabalham na Educação Infantil, por meio de suas narrativas de experiências vividas. Para exemplificar, escolhemos partes dos *podcasts* gravados com a professora Thaynah Pinheiro e com o professor Sinval Junior, trazendo à tona temáticas fundamentais para a Educação Musical na Educação Infantil como: a presença docente, o ensino de música e o planejamento no contexto escolar com crianças pequenas.

As narrativas de experiência das professoras e dos professores foram registradas no formato de *podcasts* biográficos, um termo elaborado a partir de dois pilares teóricos: o da comunicação (Robin, 2012; Freire, 2013) e o da pesquisa biográfica (Delory-Momberger, 2012). Nossa intenção, ao criar essa expressão, foi destacar o potencial das tecnologias, trazendo à luz ferramentas que podem ser úteis no processo de pesquisa em Educação Musical. Entendemos que tornar conhecidas histórias docentes, por meio digital, é uma forma de potencializar a formação de licenciandos em Música ao colocá-los em contato com aqueles que, diariamente, desenvolvem atividades musicais com crianças pequenas. Portanto, ao longo deste artigo, vamos elucidar o uso de ferramentas tecnológicas no decorrer desta investigação, destacando vantagens e desvantagens nesta escolha metodológica.



O projeto da pesquisa biográfica convida à exploração de como o sujeito se torna quem ele é e como se transforma a partir de suas reflexões, dando forma e significado às próprias experiências. Partindo desse princípio, é fundamental abordar os seguintes conceitos: o paradigma narrativo-autobiográfico como método (Passeggi, 2020), as narrativas digitais de experiências vividas como técnica (Moura, 2021; Passeggi, 2021) e a compreensão cênica para fins de análise (Marinas, 2007). Nessa direção, descrevemos o termo “podcast biográfico”, explicando como as ferramentas tecnológicas foram desenvolvidas nesta investigação (Jovchelovitch; Bauer, 2010; Delory-Momberger, 2012).

Ao apresentar como as narrativas digitais e o podcast biográfico foram utilizados com a professora Thaynah e com o professor Sinval, trouxemos à tona temáticas fundamentais para a música na Educação Infantil. Em diálogo com as ferramentas metodológicas que destacamos como importantes para a pesquisa (auto)biográfica em Educação Musical, foi possível evidenciar reflexões sobre a presença docente na escola, o ensino de música e o planejamento com crianças pequenas. Essa discussão se deu a partir da compreensão cênica de Marinas (2007), que nos permitiu identificar os significados que os referidos professores deram aos seus processos formativos como docentes em música para crianças pequenas.

Entendemos que tudo o que é narrado pode ser ressignificado na relação com o outro. Por isso, a proposta metodológica dos podcasts biográficos, além de indicar ferramentas tecnológicas relevantes, representa um diferencial para a pesquisa em Educação Musical, por duas razões: primeiro, pelo alcance oferecido na divulgação dessas narrativas, proporcionando caminhos formativos não só nos espaços acadêmicos, mas principalmente nas escolas; e, segundo, pela potência de compartilhar experiências, publicamente, como uma maneira de (trans)formar-se e legitimar o ensino de música na Educação Básica. Os conhecimentos compartilhados dessa forma tornam-se subsídios de aprendizagens para futuras professoras e futuros professores de música na Educação Básica.

Tonalidades da pesquisa

Os paradigmas científicos, explica Passeggi (2020), surgem e se estabelecem, mas com a ascensão de um novo olhar com adesão da comunidade científica, eles



entram em crise e podem ser abandonados. Neste caso, as investigações anteriormente positivistas (Gil, 2019) passaram a ser repensadas, dando lugar a uma nova concepção: a narrativa-biográfica (Passeggi, 2020), um modelo que se relaciona com outros três princípios da abordagem biográfica. Nos referimos à história de vida em formação, que emergiu na década de 1980 em países luso-francófonos; à pesquisa biográfica em educação, da década de 2000, na França; e à pesquisa (auto)biográfica, nascida no Brasil no primeiro Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), em 2004. Cada uma delas foca, respectivamente, na formação, na educação e no “(auto)”, apontando para a subjetividade de uma pesquisa, ampliando assim seu escopo de estudos (Passeggi, 2020, p. 64).

O paradigma narrativo-autobiográfico, portanto, foi fruto de diversas discussões em torno da centralidade do sujeito nas pesquisas em educação (Passeggi, 2020). Foi na virada narrativa, em 1980, que a relação entre vida, experiência e ciências humanas foi resgatada enquanto princípio ético, trazendo maneiras “mais legítimas para escutar e fazer ouvir o que dizem as pessoas ‘comuns’ sobre a vida e as experiências vividas no cotidiano” (p. 68). Sejam orais ou escritas, as narrativas se tornam um fio condutor para explicar a realidade com sua diversidade de usos. É aqui, destaca Passeggi, que a pesquisa (auto)biográfica faz um recorte e escolhe as narrativas biográficas e autobiográficas como “objeto de investigação”, trocando a “narração” por biografização para delimitar o campo científico (p. 69). Dentro desta, o sujeito pesquisado é capaz de encontrar equilíbrio entre teoria e prática e refletir, “para avaliar o que a cultura lhe oferece e ‘projetar alternativas’ para (sobre)viver nessa cultura e, eventualmente, transformá-la” (Passeggi, 2016, p. 72), assim, ele aprende a narrar porque ouve narrativas. Elas têm “potencialidades didáticas” porque dão acesso, formando ou deformando as narrativas de si.

Assim, é possível afirmar que uma única história pode ser contada de várias maneiras, da mesma forma que existem infinitas histórias que podem ser classificadas quanto ao seu gênero, modos de existência, legitimidade e linguagem (Reuter, 2019; Passeggi, 2020; 2021). Dentro dessa abordagem, os estudos em educação assumiram, conforme Bragança (2012), a forma de gênero literário: na antiguidade clássica, a narrativa era ilustrada no uso literário da perspectiva biográfica; já como gênero autobiográfico, foi desenvolvida a partir do século XIX.





Nessa direção, surgiram as narrativas de vida, que também assumiram a forma de uma metodologia da pesquisa dentro das ciências sociais. Sua prática se configura como uma possibilidade de partilha e compreensão do sentido da vida na esfera pessoal e coletiva, um movimento genuinamente humano e que, por isso, pode assumir muitos e diferentes desenhos metodológicos.

As pesquisas com essa metodologia são desenvolvidas com base nas trajetórias vividas que, na perspectiva de Passeggi, Souza e Vicentini (2011), podem envolver os porquês da escolha profissional, as diferentes fases ao longo da carreira na docência, relações de gênero e construção da identidade no magistério, além de ações e políticas educacionais. As pesquisas (auto)biográficas estudam, também, como os professores narram o próprio processo de biografização e, assim, conferem importância a uma postura de compreensão por parte do pesquisador. Mais uma vez, confirma-se o fato de que a experiência pode ser narrada de diversas maneiras.

O conceito de narrativas digitais emerge aqui como uma forma de registrar a experiência vivida, fazendo uso dos podcasts biográficos como técnica para esta finalidade. Para Moura (2021), no entanto, é essencial distinguir os termos “narrativa” e “história”, pois o primeiro se refere a como se faz e o segundo, ao fenômeno que se narra ao considerar acontecimentos, personagens, tempo e espaço, a exposição do relato e a interpretação deste. Sendo assim, esse tipo de registro envolve uma das muitas maneiras de se contar histórias e faz parte do aporte de possibilidades gerado pelo avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TDIC). Em consequência, com recursos multimodais amplia-se as formas pelas quais o sujeito se expressa e se comunica em seus processos formativos. As narrativas digitais se tornam ferramentas para colocar a voz do professor em evidência, proporcionando o desenvolvimento de sua prática.

O tom da ferramenta

Prado *et al.* (2017) afirmam que foi a partir do avanço das mídias digitais que as narrativas uniram suas perspectivas orais e escritas ao ato de narrar os “interatores”, que participam ativamente e interativamente na criação das histórias. Assim, as narrativas podem ser alteradas mediante tais inovações, podendo assumir





diferentes formatos de produção, mantendo sua finalidade no diálogo com “o tempo, o espaço, o narrador, a personagem e o enredo” (p. 1160).

Sobre a etimologia da palavra “podcast”, Medeiros (2006, p. 3) esclarece que a expressão se origina de uma demanda digital relacionada a algum conteúdo sonoro (música, debates, informações), entrelaçando as palavras “publicação” e “produção” com a intenção de produzir “programas de rádio personalizados” e disponibilizá-los na internet para download. À guisa de definição, o termo se refere a uma produção em áudio inspirada na rádio tradicional, porém, diferente dela por oferecer mais possibilidades de acesso e produção de conteúdo (Freire, 2013). Trata-se de uma forma de publicar áudios que podem ser reproduzidos de forma on-line ou baixados em quaisquer dispositivos digitais (computador, notebook, tablet ou smartphones).

Esse formato de produção e compartilhamento de conteúdo se aproxima do que Delory-Momberger (2012) denomina de entrevistas biográficas, porque elas têm como objetivo observar a singularidade de uma fala e, conseqüentemente, de uma experiência, e abrangem, ainda, o grande pacote de subjetividade que a pesquisa (auto)biográfica estima. É um espaço de descoberta quando envolve mais de duas pessoas (entrevistador e entrevistado) e considera tudo importante para a etapa da análise: as “atitudes, colocações, formas de intercâmbio e de ação recíproca” (p. 527). Outro ponto destacado pela autora é a condução de uma entrevista biográfica com questionamentos que alcançam o próprio entrevistador. Isso porque não se trata de uma troca simples de perguntas e respostas, mas de um processo dialógico conduzido também pelos entrevistados.

Por esta razão, optamos por adicionar o vocábulo “biográfico” e cunhar o termo “podcasts biográficos”, já que são envolvidos três fatores aliados à pesquisa: trata-se de uma produção de conteúdo cuja divulgação vai além das fronteiras acadêmicas por explorar o potencial das tecnologias, em especial das ferramentas que envolvem a cibercultura da internet; os podcasts biográficos têm o potencial sociopolítico e educacional que abraça o fato de falarmos sobre o ensino de música na Educação Infantil; o fator biográfico do podcast envolve a subjetividade da professora e do professor por conta da liberdade para narrar a própria história, constituindo-se ao longo da narrativa.



Neste sentido, nos apoiamos em Schütze (2010), para quem essas narrativas envolvem relações temporais e sequenciais da vida que só conseguimos registrar empiricamente por meio de um método investigativo cuja análise nos permite “voltar no tempo”. Isso porque (1) quem narra não é interrompido pelo pesquisador; (2) os fragmentos da história narrada são explorados, evocando constantemente a memória do narrador; e (3) o método permite ao narrador explorar sua capacidade de explicação e de abstração das situações compartilhadas ao longo da sua fala.

O tom da pesquisa (auto)biográfica em Educação Musical

Um levantamento de pesquisas do tipo estado de conhecimento foi realizado a fim de encontrar teses e dissertações em Educação Musical com foco na pesquisa (auto)biográfica (Marques *et al.*, 2022). A partir disso, encontramos 59 trabalhos acadêmicos (45 dissertações e 14 teses), que dividimos em três grupos: (1) aqueles sobre Educação Musical para crianças pequenas; (2) os que foram desenvolvidos a partir das dimensões trabalhadas em Paul Ricoeur; e (3) os que utilizaram a compreensão cênica como uma perspectiva hermenêutica.

É possível perceber que a Educação Musical na Educação Infantil é uma temática continuamente explorada nas pesquisas encontradas, embora tenhamos encontrado apenas três: Tomazi (2019), Pereira (2021) e Pedrollo (2022). Os trabalhos que dialogaram com Ricoeur e o aporte teórico-metodológico na pesquisa (auto)biográfica foram dois: Souza (2018) e Pitanga (2021).

Compreendemos que a ausência de pesquisas sobre professores e professoras de música inseridos na Educação Infantil aponta para a necessidade de mais produções dentro da abordagem (auto)biográfica, que defendam o ensino de música pelo professor especialista nesses espaços. Este artigo lança esse olhar mais atento propondo um caminho metodológico diferente ao buscar profissionais que trabalhem nessa realidade. Destacamos, assim, a relevância da realização de pesquisas no formato on-line como uma possibilidade ampla e viável de desenvolver estudos investigativos no campo da Educação Musical.

O tom da investigação

Fundamentamos a busca por professores de música que trabalham na Educação Infantil na amostragem aleatória (Fletcher, 2021; Richardson, 2017), isto é,

em amostras representativas de um determinado grupo de pessoas, em que cada indivíduo tem probabilidade igual de ser selecionado. Os sujeitos foram encontrados como em uma “bola de neve”: quando o público-alvo é disperso e se constrói a partir de poucos conhecidos que conhecem outros com o mesmo perfil, até compor uma lista grande e representativa.

Nossa pretensão foi localizar professores de música da Educação Infantil a partir de cinco critérios: professores (1) licenciados em música, (2) que atuam na Educação Infantil, (3) que estivessem vinculados ao ensino público, (4) de qualquer localização geográfica, e (5) que aceitassem e apresentassem disponibilidade para participar da gravação dos podcasts no formato on-line. Nossa busca resultou na seleção de três professoras e três professores de diferentes estados. Iniciamos as primeiras conversas com os participantes via e-mail e/ou WhatsApp, fazendo o convite oficial à pesquisa. Reiteramos que para este artigo apresentaremos trechos dos podcasts de apenas dois desses professores.

A Plataforma de Reuniões Zoom foi utilizada para gravar os podcasts, considerando para isso nossa familiaridade com o uso dessa ferramenta. As gravações foram editadas junto a um material introdutório e colocadas à disposição de cada colaborador em uma pasta individual no Google Drive e em um link “não listado”¹ no YouTube², que posteriormente foram tornados públicos mediante a autorização de cada participante. O passo seguinte foi a transcrição dos dados por minutagem, em que os interlocutores foram identificados como “anfitriã” e “convidado” ou “convidada”³.

A estrutura do podcast iniciou com a fala da anfitriã. Ela se apresentou e falou do propósito da produção daquele conteúdo, seguindo com o convite para que a convidada ou o convidado se apresentasse. Para continuar, a intenção era que a primeira pergunta trouxesse liberdade para que a professora ou o professor pudesse acessar suas memórias, garantindo uma história rica em detalhes, com significado pessoal e social. Por isso, evitou-se interrupções e foi feita uma questão

¹ Link não listado torna o vídeo acessível apenas para quem possui o endereço eletrônico. Este só foi colocado em público diante do aceite da ou do participante.

² Os vídeos vieram a ser publicados posteriormente, após a confirmação de cada professora e professor, sendo divulgados amplamente nas redes sociais (Whatsapp, Instagram e YouTube).

³ Aprovado pelo Comitê de Ética da UDESC, através do CAEE 57525122.5.0000.0118.

narrativa orientada biograficamente sobre o tornar-se professor de música na Educação Infantil. Desse modo, estaríamos desencadeando a narrativa autobiográfica inicial, como propõe Schütze (2010). As perguntas subsequentes só eram realizadas quando ela ou ele finalizava o raciocínio.

Conforme a Figura 01, da esquerda para a direita, as perguntas foram organizadas em temáticas que trouxeram uma pergunta sobre a formação do professor, o espaço escolar e o ensino de música na Educação Infantil; sobre a prática docente, os desafios da profissão e, para finalizar, sobre o ser professor. Vale destacar que após cada pergunta central da entrevista narrativa autobiográfica havia momentos destinados a explorar “o potencial narrativo tangencial de fios temáticos narrativos transversais, que foram cortados na fase inicial em fragmentos nos quais o estilo narrativo foi resumido, supondo-se não serem de importância” (Schütze, 2010, p. 212). Assim, havia a tentativa de saber mais a respeito do que, aparentemente, não era significativo para o professor ou a professora que narrava. Houve o cuidado para não aprofundar situações dolorosas, estigmatizadoras ou de legitimação problemática para o narrador, caso fosse notado algum tipo de constrangimento.



Figura 1 – Roteiro de gravação do podcast. Fonte: produção das autoras.

A parte final do podcast foi conduzida de modo que houvesse uma reflexão de ambos os lados sobre aquela conversa. Foi fundamental perguntar, com a gravação finalizada, como a professora ou o professor havia se sentido naquele processo, adicionando em um diário de campo as informações, percepções e



impressões compartilhadas naquele momento. Por vezes, a conversa continuava com assuntos a respeito da sala de aula, contando mais experiências vivenciadas com as crianças nas aulas de música. Ao narrarem seus relatos, ela e ele deram uma tonalidade para a sua trajetória na Educação Infantil. Cada qual com o seu processo formativo, partindo de instituições de ensino superior diferentes, com experiências musicais diversificadas, indicou suas compreensões sobre o ensino de música para crianças pequenas.

Após esse momento, apoiamo-nos em Jovchelovitch e Bauer (2010) para, então, nos direcionarmos aos demais objetivos da investigação. Assistimos e realizamos a leitura da transcrição de cada narrativa diversas vezes, inicialmente com uma postura “desinteressada”, até conseguir situar cada história no seu devido contexto, conforme recomenda Delory-Momberger (2012) e, então, perguntamos: o que fazer com a palavra de cada uma e cada um, a partir daqui? Quais conhecimentos destacar para contribuir com a formação do professor de música para a Educação Infantil?

Para responder a esses questionamentos, procuramos compreender a palavra dada ou até silenciada em suas histórias a partir da compreensão cênica (Marinas, 2007), organizando as narrativas, gravadas em vídeo, em temáticas para totalizar o sentido da fala de cada participante. Este modelo interpretativo foi fundamental, porque cada relato formou uma cena tendo como base a conclusão de um raciocínio. Denominamos cada uma delas como “cortes”, uma estratégia utilizada na comunicação, em que podcasts maiores são divididos em várias partes para gerar mais conhecimento e alcance. As narrativas foram descritas a partir deste material, promovendo pequenas “doses” de conhecimento sobre os participantes, a partir das quais a compreensão cênica foi aplicada. Desta forma, cada corte gerou temáticas para a discussão, demonstrando como o podcast biográfico foi uma ferramenta valiosa no desenvolvimento desta investigação.

Observamos, com a compreensão cênica de Marinas (2007), que é possível dialogar diretamente com princípios da teoria narrativa ricoeuriana, reforçando a influência da dimensão do tempo e da experiência no entendimento de que o sujeito toma consciência da prática vivida ao narrar-se, porque o faz reflexivamente, resignificando e transformando seus relatos em formação



(Ricoeur, 2014). Assim, a partir da tríplice mimesis ricoeuriana, cada participante descreveu os relatos vividos no tempo, configurando-os em uma lógica narrativa e (re)significando-os no sentido de apontar para ações futuras (Ricoeur, 1994). Na Figura 02, apresentamos uma adaptação deste modelo para o presente estudo.



Figura 2 – Compreensão cênica aplicada a esta pesquisa. Fonte: produção das autoras.

O ponto de partida foi, então, o podcast biográfico como cena principal, isto é, o primeiro ponto da compreensão cênica: o dizer do todo, a capacidade de história de se encarregar da experiência vivida. Em seguida, identificamos as cenas geradas ou os relatos compartilhados através das perguntas do roteiro da gravação. Assim, resgatamos a palavra plena, a história preenchida pelos significados dados pelo narrador. Nesse processo, consideramos e tentamos identificar questões implícitas nas cenas cotidianas, sobre as quais o participante se calou, falamos dos “processos vividos, angústias geradas, adaptações, sucessos, fracassos, gratificações” (Frison; Abrahão, 2019, p. 4).

Compreendemos e reconhecemos, no entanto, que existem limites dados pela narrativa que precisam ser respeitados – a palavra vazia, aquilo que a professora ou o professor se reservou ao direito de não dizer ou dizer de forma mais prudente. Em momentos assim, é válido refletir sobre o não dito, de forma a identificar como a narradora ou o narrador ressignificou cada situação, em “um



desejo de olhar para si próprio e poder perceber além do habitual, além dos fatos objetivos” (Frison; Abrahão, 2019, p. 15).

O tom dos podcasts biográficos

O foco do presente artigo é apresentar a experiência de usar a ferramenta dos podcasts biográficos com a professora Thaynah Pinheiro (Belém/PA)⁴ e com o professor Sinval Junior (Tupandi/RS)⁵. A narrativa de Thaynah evidenciou uma caminhada que começou na Educação Infantil, da qual se afastou por um tempo, por razões diversas. No entanto, a necessidade de conhecer mais sobre este universo a fez voltar para poder responder aos inúmeros questionamentos que tinha.

Thaynah é técnica em clarinete pelo conservatório da Fundação Carlos Gomes (FCG), no Pará, e graduada em Educação Artística com Habilitação em Música pela Universidade Estadual do Pará (UEPA)⁶. Ela é mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA), desenvolvendo estudo sobre a flauta doce como ferramenta na construção do conhecimento em música de uma turma de quinto ano do Ensino Fundamental (Conceição, 2016). Desde 2005, atua na Educação Básica como professora de crianças pequenas em escolas da rede privada em Belém (PA). Sua vivência com o ensino de música começou no conservatório e hoje acontece na escola e com uma turma de bebês na igreja. Em 2011, foi efetivada com dedicação exclusiva no Colégio de Aplicação da UFPA, onde também está como coordenadora pedagógica da Educação Infantil.

A trajetória formativa de Sinval⁷ foi marcante, porque, mesmo não tendo planejado ser professor de música, sobretudo na Educação Infantil, vê com responsabilidade o trabalho que realiza com crianças pequenas. Ele é pai, esposo, músico performista e licenciado pelo Centro Universitário Metodista IPA, em Porto Alegre (RS). No dia da gravação do podcast, encontrava-se como professor de música efetivo na rede de ensino do município de Tupandi (RS) e na Associação de

⁴ Podcast completo com Thaynah: <https://www.youtube.com/watch?v=TCQVM4Ix-lk>. Acesso em 14/04/2024.

⁵ Podcast completo com Sinval: <https://www.youtube.com/watch?v=itkjF9KP914>. Acesso em 14/04/2024.

⁶ Link do Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8725612906999180>. Acesso em 01/09/2023.

⁷ Link do Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3615826713611312>. Acesso em 01/09/2023.



Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em Feliz (RS). Sinval também estava cursando o primeiro ano do Mestrado Profissional em Educação (PPGED-MP) pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)⁸. Sua dissertação, em construção, está fundamentada no trabalho do educador musical americano Edwin Gordon⁹. Além disso, participa de dois grupos de pesquisa – Diferentes Tempos e Espaços (GRUPEM/UERGS) e Arte: Criação, Interdisciplinaridade e Educação (ArtCIEd/UERGS) – estudando temáticas como formação de professores, aprendizagem musical e psicologia da música.

Presença docente

Thaynah e Sinval indicaram que estão amparados pela equipe pedagógica da instituição onde estão inseridos. Constatamos que o ambiente onde eles estão disponibiliza bons recursos, assim como o apoio necessário para que o ensino de música possa ser desenvolvido com os alunos. Assim, os docentes conseguem focar na construção de diversas possibilidades de práticas de ensino que alcançam as crianças ao proporcionar-lhes acesso ao ensino de música de maneira democratizada e singular. Isso porque cada profissional possui as ferramentas institucionais para poder observá-los com mais atenção e dedicação.

A professora, além de compor uma vaga na docência em música, também é coordenadora pedagógica da Educação Infantil, o que de fato não é comum nas instituições de ensino, principalmente com profissionais da área de artes. No entanto, essa é uma perspectiva que conta com amparo institucional e legislativo, fundamentado na construção coletiva de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que colocou a responsabilidade compartilhada em ação – professores, coordenadores, gestores, equipes acadêmicas – para pensar um currículo para crianças pequenas.

Neste sentido, Brito (2001), referindo-se a H. J. Koellreutter, afirma que, para ele, a presença do espírito criativo em um momento artístico era prioridade, por isso propunha a superação de um currículo fechado que, na sua percepção, dificultava o desenvolvimento dessa habilidade. Considerando-se a primeira infância, seguir essa proposta é um caminho para aproximar a criança das muitas

⁸ Ver Pereira Junior (no prelo).

⁹ O educador desenvolveu um pensamento teórico em torno da psicologia musical, trazendo a primeira infância como um dos focos de discussão.



formas de fazer música, seja com sons de altura definida, ruídos ou a mescla entre eles – a experiência que promove a construção do que podemos, talvez, chamar de “obra de arte”, ao final.

No caso de Sinval, estar em uma cidade onde a música é o fio condutor da cultura do município fez toda a diferença, porque o entendimento já era difundido na instituição tão logo ele chegou. Portanto, todo o trabalho que desenvolveu ali já era uma defesa por parte de todas as esferas relacionadas ao ensino das crianças pequenas. Outra questão que evidencia essa facilidade está nos recursos financeiros que são frequentemente destinados pela prefeitura para a aquisição de novos instrumentos musicais, situação em que o professor aproveitou para pedir instrumentos musicais que seriam fundamentais para a sua prática, isto é, equipamentos de som, piano digital, tambores e até mesmo boomwhackers (instrumentos de percussão em formato de tubo, feitos de plástico leve e resistente¹⁰).

Unindo essas experiências, podemos identificar uma definição que se forma sobre o que significa ter, na escola pública ou privada, o professor de música no espaço da Educação Infantil. Pensamos em dois pilares para este argumento: o diálogo entre a prática musical e a primeira infância e a caracterização pedagógica e epistemológica da docência em música nas instituições públicas de ensino.

Primeiro, Cunha (2014) defende que o fenômeno sonoro é o que torna o trabalho com Educação Musical tão distinto, principalmente quando este é elaborado e transformado em música. Buscar construir este caminho com a criança pequena qualifica o docente para compreender a importância da escuta, do canto e da execução instrumental com ela. Independente da profissão que a criança poderá seguir no futuro, o que importa é a experiência resultante desse movimento.

Em segundo lugar, Sambrano (2008) afirma que é imprescindível considerar a família e a instituição no desenvolvimento infantil. Neste sentido, quem une as pontas dessa relação é o professor que, ao mostrar convicção do seu papel, propicia, por meio de ações, não somente pedagógicas, uma experiência de ensino

¹⁰ Para saber mais: <https://www.musicaemovimento.com.br/blog/item/83-boomwhackers>. Acesso em 15/10/2023.

integral à criança pequena. Desse modo, ele promove conhecimento por meio das mais diversas atividades, o que se caracteriza como um trabalho intencional.

Essa é a presença pedagógica e epistemológica do professor de música no espaço escolar. Nessa perspectiva, a gravação do podcast evidenciou de maneira pública que é fundamental que ele ou ela continue defendendo os contornos da sua área em um trabalho consistente, não somente em sala de aula ou em outros ambientes da instituição escolar, mas também no compartilhamento de experiências a partir do potencial tecnológico. Também destacamos a importância da parceria docente, que se configura como um “lugar” para a cultura da escuta e da partilha, em que todos os profissionais da escola fazem um trabalho colaborativo em prol das crianças pequenas, sem ignorar os delineamentos da sua disciplina (Azor, 2010).

Ensino de música

Outro fator que merece atenção é o pensar no porquê é preciso continuar a defender o ensino de música na Educação Infantil, por um professor especialista. Esta etapa parece ser vista como um espaço mercadológico por parte do ensino privado, em que as opções de estudo de conteúdos específicos são consideradas como produtos da instituição, e não necessariamente apresentam uma finalidade educativa. Na disciplina de artes, por exemplo, são oferecidas aulas de dança, música, teatro – por vezes no contraturno escolar –, que respondem, em alguns momentos, a uma demanda familiar e, ao mesmo tempo, evidenciam a busca pela fidelização de clientes. Deste modo, essa organização se configura como um diferencial para a instituição, mas em muitos aspectos desvaloriza a música como área de conhecimento.

Situações como esta não representam a realidade como um todo. No âmbito público, existem projetos da área de artes que acontecem no contraturno escolar e que são financiadas com verbas dos municípios, estados ou do governo federal. Um exemplo é o Programa Mais Educação, com a finalidade de construir uma agenda de educação integral para as crianças¹¹. No âmbito privado, muitas instituições de

¹¹ Para mais informações: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>. Acesso em 21/10/2023.

Educação Básica compreenderam a importância de cumprir plenamente a legislação e, assim, passaram a contratar professores especialistas para conduzir o ensino de música. Reforçamos essa afirmação, porque uma de nós, Ana Ester, teve as primeiras experiências como professora de música em escolas particulares, onde foi possível exercer a prática pedagógico-musical dentro dos contornos da área.

As experiências narradas por Thaynah e Sinval destacaram razões para que essa discussão permaneça viva, embora muito já se tenha conquistado no espaço da escola. Permanece a necessidade de pensar como o poder público pode se posicionar para ampliar o acesso ao ensino de música a todas as etapas da Educação Básica a partir das normativas estabelecidas pela legislação. Neste sentido, unimo-nos à defesa de Requião (2013, p. 170) para que a Educação Musical “não represente um mercado de compra e venda, mas, sim, um campo profícuo para a formação humana”. Dessa forma, o podcast permitiu, por conta da estrutura de liberdade narrativa e ampla divulgação no espaço do YouTube, que essa discussão permaneça viva, embora muito já se tenha conquistado, como é o caso dos direitos da criança e dos conceitos relacionados à infância e Educação Infantil, registrados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) (Brasil, 2010).

Para Thaynah e Sinval, o argumento fundamental que auxilia nessa discussão é a responsabilidade com que se encara o ensino de música, superando a ideia de que ela é meramente recreativa para o ambiente escolar. Sinval, por exemplo, criticou a indústria cultural da música feita para crianças (Carvalho, 2022), defendendo que o conteúdo musical trazido em sala de aula precisa ser carregado de história, experiência e vivência, dentro de um universo que não anula a cultura que a criança traz na sua trajetória. Da mesma forma, essa abordagem não ignora o brincar, assim como não pode ser reduzida a isso.

Neste sentido, o universo digital na internet tem o seu potencial formativo, mas não consegue responder plenamente ao conhecimento que somente a sala de aula pode proporcionar tanto ao docente como aos alunos. Para Sinval, não há problema em utilizar o ciberespaço como fonte de pesquisa no planejamento, no entanto, o problema se estabelece quando ele dá o tom do plano de uma aula, o





que pode enfraquecer a defesa do ensino de música no espaço escolar, permitindo que talvez os outros – seus colegas de trabalho ou as famílias – passem a reduzir suas aulas à ação de tocar ou de cantar uma “musiquinha”, conforme destacou o professor.

É possível que, ao realizar uma aula bem elaborada, com estudos, leituras, análises e pesquisa, mesmo que na internet, os professores possam (trans)formar o olhar de quem vê o trabalho deles – não somente no sentido de ressignificarem, mas de serem agentes de formação. Assim, conforme Gordon (2000), um dos autores citados por Sinval, os que estão de fora do processo de ensino percebem que, quando uma criança está “batendo” em algum material sonoro na aula de música, não se trata de um mero barulho, mas da evidência de uma concepção musical de ritmo e exploração sonora. Desta forma, é na prática narrativa evidenciada no podcast que ações mais intencionais passam a ser usadas, porque ao fazermos reflexões sobre o passado, compreendemos o presente e apontamos ações futuras que possam agir diretamente sobre a nossa prática docente (Ricoeur, 1994).

Planejamento

A prática pedagógico-musical na Educação Infantil vem imbricada com a responsabilidade do professor de música, em primeiro lugar. Este foi o princípio presente na fala de Thaynah e de Sinval, sem que de fato fossem questionados a respeito. A partir do momento em que, planejando ou não, os professores escolheram a profissão, eles compreenderam sua função de apresentar o universo da música às crianças pequenas, porque se entendem como mediadores desse conhecimento. Cunha (2014) destaca que a aproximação em direção à criança é algo esperado do docente no sentido de construir o caminho para se conhecer, devendo, para isso, “observar e ouvir mais as crianças, criar laços, estabelecer diálogos e conduzir o trabalho com a música a partir dessa postura básica” (p. 33).

O planejamento de uma aula de música na Educação Infantil prevê uma prática docente específica para a pequena infância, na qual princípios fundamentais precisam ser considerados quando se está no espaço de ensino, seja na sala de aula, no refeitório ou no parque – cada ambiente pulsa o conhecimento na criança. Observamos a maneira como Cunha (2014) descreveu esta função e percebemos



que se entrelaça com as narrativas de cada professora e professor, corroborando que existe um fio condutor que indica o que significa, de fato, ensinar música para a criança pequena. É fundamental a mediação do professor de música. De acordo com a autora, as crianças precisam do acolhimento do adulto “para compartilhar e validar suas descobertas” (p. 33), não como alguém que está controlando, mas que está coparticipando do processo. Portanto, a responsabilidade de compartilhar o conteúdo musical é única dos professores.

Thaynah e Sinval se preocupam em planejar aulas com bastante prática vocal e exploração sonora, seja de instrumentos ou de outros materiais. E, para além da experimentação, acreditam que registrar aquilo que se cria é uma forma de perpetuar a própria produção. Brito (2003) resgata essa questão ao falar da transformação das formas de notação musical, por exemplo. A professora Thaynah mostra sua preocupação com essas questões, inicialmente, diante do questionamento das famílias, mas isso não invalida a importância de fazê-lo. A questão é que não precisamos criar partituras convencionais para legitimar o trabalho musical que fazemos em sala de aula, contudo, é válido reconhecer que este é um meio que permite que as crianças registrem suas produções, à sua maneira. Uma folha de papel demonstra, para quem vê de fora da sala de aula, que existe construção de conhecimento em música que a memória guardou em forma de vivência.

Modulações finais

A narrativa é uma forma de manifestar o conhecimento, desenvolver uma argumentação em torno da constituição do si mesmo, compreendendo que contar histórias faz parte da construção da identidade do sujeito que narra (Ricoeur, 1994). Procuramos demonstrar que, ao mesmo tempo em que compartilhavam suas histórias, cada professora e professor também ressignificou a sua trajetória, o que coloca em destaque a relevância do podcast biográfico para a pesquisa em Educação Musical. Enquanto nos uníamos em torno da defesa do ensino de música na Educação Infantil, observávamos juntos o quanto mudamos ao longo do processo. Estamos escrevendo este texto na primeira pessoa do plural, porque não podemos nos desviar daquilo que também aprendemos ao ouvir cada narrativa. Reafirmamos, como Passeggi (2021), que narrar histórias e aprender com as



experiências dos outros são traçados dois caminhos em uma mesma direção: à da formação humana.

Tal como Passeggi (2021), queremos focar no quanto narrar a vivência na sala de aula foi (trans)formador e emancipou cada participante no sentido de registrar sua própria singularidade sem perder de vista a causa maior – defender o ensino de música na primeira infância. Foi necessário ter uma consciência histórica, ou seja, “um trabalho sobre si e sobre percepções do mundo para ultrapassar apropriações ingênuas da ‘realidade’ e se elevar acima das representações herdadas ou que circulam como ‘verdades’” (p. 103). Não é apenas um movimento retrospectivo, mas um movimento que nos remonta ao passado, para podermos entender o presente e, ressignificando nossa experiência, construir ações futuras significativas para a nossa existência.

A experiência de Thaynah além da sala de aula ditou muito as decisões que tomou enquanto professora de música. E isso não poderia ser diferente se pensarmos na importância da consciência histórica do seu processo narrativo. Ela sabe como é a experiência do ensino de música com uma criança com TEA, não porque tem exemplos na sala de aula, mas porque convive diariamente com seu filho. Mais do que nunca, a causa pela educação inclusiva fez sentido na sua (trans)formação a partir da sua singularidade enquanto uma professora em constante pesquisa.

Sinval não queria ser professor, mas ao final do podcast se viu refletindo sobre como seu trabalho vai contribuir para a formação humana da criança. (Trans)formar sua função para além da prática pedagógica evidencia o quanto o movimento de reflexividade narrativa foi fundamental. Percebemos que a sua atenção passou a se voltar para o comportamento de cada criança e em como elas poderiam indicar os caminhos da sua docência em sala de aula.

O podcast biográfico foi uma ferramenta essencial para tornar conhecida a experiência da professora e do professor no meio acadêmico e escolar de modo a legitimar a importância do ensino de música na Educação Infantil. É possível ponderarmos que uma entrevista narrativa autobiográfica realizada de forma on-line limita o registro das expressões corporais e seus efeitos na narrativa, ao passo que as expressões faciais podem ser facilmente observadas. Por um lado, é um



desafio considerar numa análise como estava a convidada ou o convidado no dia da gravação, ou seja, seu cansaço, desânimo, motivação ou otimismo, e como isso influenciou em cada fala. Por outro, essa ferramenta trouxe liberdade geográfica diante das limitações da pandemia de Covid-19, permitindo que a pesquisa tivesse alcance e representatividade. Por fim, o podcast biográfico é um exemplo de que o potencial das tecnologias pode ser mais explorado, criando uma ponte entre universidade, escola e comunidade por meio das conexões digitais.

Entendemos que esse caminhar nos ajudou a esclarecer as narrativas e que os podcasts se tornaram mais do que meros diálogos. Este trabalho aponta para essa necessidade, dando luz a histórias ordinárias de professores que se dedicam todos os dias à nobre tarefa de ensinar música para crianças pequenas. Existe um caminho para essa (trans)formação: passa pela universidade, pelo estágio, pela prática em sala de aula, pelo tempo de errar e acertar, pelo tempo da criança e da infância. É amplamente possível construir caminhos de pesquisa a partir dos podcasts biográficos, divulgando as experiências de cada professora e professor, usando as tecnologias a nosso favor. O podcast biográfico se torna uma possibilidade na pesquisa em Educação Musical e (auto)biográfica, envolvendo contextos acadêmicos e escolares em todas as suas etapas, as famílias e a sociedade como um todo.

Referências

AZOR, Gislene Natera. *Música nos anos iniciais do ensino fundamental perspectivas para os trabalhos em parceria na rede municipal de Florianópolis*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94377>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Histórias e vida e formação de professores diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa-formação (auto)biográfica: reflexões sobre a narrativa oral como fonte e a compreensão cênica como caminho de análise. In: ABRAHÃO; Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva. *Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões*. Curitiba, PR: CRV Editora, 2020.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2001.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003.

CARVALHO, Anderson Carmo de. *Música Infantil um estudo sobre a produção musical para criança no Brasil por meio da Educação Musical e dos Estudos da Infância*. 2022. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/13595?show=full>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

CUNHA, Sandra Mara da. *Eu canto pra você saberes musicais de professores da pequena infância*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01122014-110443/pt-br.php>. Acesso em: 25 de setembro de 2023.

DELORY-MOMBERGER, Chrisitine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 523-740, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

FLETCHER, Grant S. *Epistemologia clínica elementos essenciais*. Tradução: André Garcia Islabão. Porto Alegre/RS: Artmed, 2021.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar Freire. *Podcast na educação brasileira natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14448>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

FRISON, Lourdes Maria Braganolo; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Compreensão Cênica: possibilidade interpretativa de narrativa de (auto)formação de ex-*pidianas*. In: *Educação e Pesquisa*, v. 45, 2019.



Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/n8WvstpJgMJynpBRM5yMF7c/>>.
Acesso em: 19 de outubro de 2023.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Rio de Janeiro: Editora Atlas, 2019.

GORDON, Edwin. *Teoria de aprendizagem musical* competências, conteúdos e padrões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som* um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARINAS, José Miguel. *La escucha en la historia oral* palabra dada. Madrid: Síntesis, 2007.

MEDEIROS, Macello Santos de. *Podcasting: Um Antípoda Radiofônico*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. Anais [...]. Brasília: 2006. Disponível em: <<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109425410741320594702700363707183744831.pdf>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

MOURA, Késsia Mileny de Paulo. *Narrativas digitais na formação de professores: potencialidades, dimensões formativas e construtos de identidade docente*. 2021. Tese (Doutorado em Informática da Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/240093>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. In: *Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, v. 2, n. 2, p. 302-314, 2016. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. In: *Revista Paradigma (Edición Cuadragésimo Aniversario 1980-2020)*, v. XLI, p. 57-79, junio de 2020. Disponível em: <<https://revistaparadigma.online/ojs/index.php/paradigma/article/view/929>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade Narrativa e o poder auto(trans)formador. In: *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 44, p. 1-21, jan./mar. 2021. Disponível em:

<<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *In: Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

PRADO, Ana Lúcia; LAUDARES, Ellen Maira de Alcântara; VIEGAS, Patrícia Peixoto Carneiro; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Narrativas digitais: conceitos e contexto de letramento. *In: RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, São Paulo, v. 12, n. esp. 2, p. 1156-1176, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10286>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

REQUIÃO, Luciana. Música nas escolas: mercadoria ou formação humana. *In: Educação Teoria e Prática*, v. 23, n. 43, p. 169-181, 2013. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/5893>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

REUTER, Yves. Théorie du récit. *In: DELORY-MOMBERGER, Christine (Org.). Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique*. Toulouse, Erès, 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2017.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Campinas: Papirus, 2014.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas, SP: Papirus Editora, 1994, tomo I.

ROBIN, B. R. Digital Storytelling: a powerful technology tool for the 21st century classroom. *In: Theory Into Practice*, v. 47, n. 3, p. 220-228, 2008. Disponível em: <<https://digitalstorytellingclass.pbworks.com/f/Digital+Storytelling+A+Powerful.pdf>>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

SAMBRANO, Taciana Mirna. Relação instituição de Educação Infantil e família: um sonho acalentado, um vínculo necessário. *In: ANGOTTI, Maristela (Org.). Educação infantil para que, para quem e por quê?* Campinas, SP: Alínea Editora, p. 139-155, 2008.





SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (orgs.). *Metodologia da pesquisa qualitativa em educação teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 210-222, 2010.





Ana Ester Correia Madeira é doutora, mestre e licenciada em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e integra o Grupo de Pesquisa Educação Musical e Formação Docente, coordenado pela Professora Dra. Teresa Mateiro. É professora de música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental; cantora, pianista e integrante do Grupo de Evangelização Infantil Semeando a Esperança, onde trabalha com música e teatro de fantoches. Tem como foco de pesquisa os seguintes temas: pesquisa (auto)biográfica, narrativas, educação musical e formação docente na Educação Infantil.

<http://lattes.cnpq.br/1464422527899676>

Teresa Mateiro é professora titular do Departamento de Música (DMU) da UDESC. Atua nos Programas de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado em Música (PPGMUS) e Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) na mesma instituição. Realizou Pós-Doutorado na Universidade de Lund, Suécia. É líder do Grupo de Pesquisa Educação Musical e Formação Docente (ForMusi/UDESC/CNPq).

<http://lattes.cnpq.br/5855298976151490>

